cidade moderna, sobre quem é Deus e como relacionar a sua unidade com a do ser humano, sobre as realidades do mal e da morte, sobre Jesus Filho de Deus e Cristo para nós, sobre o dogma da Trindade, sobre o Espírito Santo e a Igreja, sobre mariologia e modelo marial para a Igreja, sobre a «catolicidade evangélica», sobre identidade e abertura nas religiões como nas teologias (a propósito de algumas tentações hodiernas de «fechamento identitário» tendencialmente integrista e fundamentalista), enfim, sobre a problemática do diálogo inter-religioso.

Um livro que se lê efetivamente com prazer e proveito, e que, por isso mesmo, bem poderia levar por título «Deus ao (bom) sabor da conversação».

Luís Salgado

Giussani, Luigi, **Pourqoi l'Église ?** vol. III de **ParCours,** coll. « Théologies », Les Éditions du Cerf (www.editions-ducerf.fr), Paris, 2012, 305 p., 235 x 145, ISBN 978-2-204-09776-5.

O autor é bem conhecido. Fundador do movimento «Comunhão e Libertação», professor que foi de teologia na Universidade do Sagrado Coração, na sua cidade de Milão, Luigi Giussani (1922-2005), neste terceiro volume da obra *ParCours*, procura evidenciar a natureza e o sentido fundamental da Igreja como sacramento de Cristo, visto, por sua vez, como o grande sacramento do Pai. Como se explica no breve «Avant-propos», tem em conta que, no que a Deus se refere, tudo é Mistério e nada é verificável. A única maneira de termos acesso ao mistério de Deus é o mistério da Encarnação, em que ressaltam duas grandes figuras da nossa história divina: Jesus Cristo e a Virgem Maria. E com elas surge a Igreja, sacramento ou sinal vivo e experienciável de Cristo. Assim, depois de nos dois volumes anteriores ter tratado do sentido religioso (no primeiro) e da grande revelação de Jesus Cristo (no segundo), dedica este terceiro volume à adveniência da Igreja, fazendo questão de dedicar algumas páginas finais à figura de Maria.

Ao longo das páginas perpassa uma ideia constante: se Cristo é a imagem visível do Deus invisível, a Igreja, por sua vez, tem como única razão de ser oferecer ao ser humano a possibilidade de atingir a certeza de Cristo. Se é o que verdadeiramente deve ser, ela é uma realidade que se vê, se sente e se toca. E nela, e só nela, através dos crentes em Jesus Cristo, se vê, se sente e se toca, o próprio Cristo. Na condição, sempre, de a Igreja ser verdadeiramente sinal. E só sendo sinal na condição de ser Igreja viva.

Giussani desenvolve o seu discurso num estilo ele mesmo vivo, longe da frieza de uma teologia abstracta, assumindo-se em papel simultaneamente de teólogo e de apóstolo, não fosse ele o fundador de «Comunhão e Libertação». Aduz fontes da Sagrada Escritura, mas também factos (bastantes) da história da Igreja. Passa em revista as metamorfoses que a Igreja e a cultura envolvente sofreram, desde a configuração medieval, com a sua mentalidade própria em que a Igreja foi difusora de uma mentalidade cristã que envolvia a vida toda das pessoas e em que Deus era como «horizonte totalizante de toda a ação humana» (p. 43), até à situação presente de secularismo, laicismo e ateísmo. Pelo meio, analisa as fases sucessivas desta progressiva transformação: humanismo e Renascimento, racionalismo, iluminismo, cientismo… Tudo isso ele o faz numa primeira secção.

Na segunda secção, em plano transtemporal, o discurso incide diretamente

sobre a Igreja como sacramento ou «sinal eficaz do divino na história». Realça-se aí a definição que a Igreja dá de si mesma, implicando um factor humano, uma missão para com o homem e a presença do divino na mesma Igreja. A última parte trata expressamente daquela condição que permite à Igreja ser sacramento de Cristo. É o que Giussani chama a verificação do divino na vida da Igreja, considerando como lugar de verificação a experiência humana e realçando que «a árvore se reconhece pelos seus frutos».

Não sendo propriamente um tratado de eclesiologia, este livro pode constituir um excelente subsídio para quantos se dedicam ao aprofundamento do mistério da Igreja, no âmbito alargado do mistério de Deus, do mistério de Cristo e do mistério do homem, em favor do qual traçou Deus o seu desígnio de salvação. Mas também para quem, na linha da preocupação eclesial e apostólica, sofre por, muitas vezes, não ver a Igreja ser o sinal vivo que deveria ser, e trabalha para que o seja.

Jorge Coutinho

PASTORAL

Martínez Díez, Felicísimo, **Al Servicio de la Fe. La misión de la Iglesia en tiempos de crisis**, col. «Frontera», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid 2012, 407 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-4065-0.

Neste livro, Martínez Díez – dominicano, professor no Instituto Superior de Pastoral de Madrid – oferece uma série de propostas para a acção pastoral na sociedade dos nossos dias. Chama a atenção para alguns alarmes que não podem deixar a Igreja indiferente; sugere respostas a desafios pastorais mais urgentes; pugna por uma Igreja mais participativa; procura caminhos para a (nova) evangelização como tarefa prioritária em face de um mundo secularizado e de uma cultura laica; realça a importância da experiência cristã.

No capítulo sobre os alarmes, em pertinentes reflexões, aborda coisas como o debilitamento da fé, o problema da linguagem na Igreja, o divórcio com a modernidade, o grito que vem dos pobres. Sobre uma pastoral renovadora da experiência cristã, insiste no problema da linguagem; na necessidade de se criarem verdadeiras comunidades cristãs com verdadeiras práticas comunitárias; e, de modo semelhante, de se cultivarem dinâmicas de iniciação cristã. Dá o seu contributo para que, na liturgia, se celebre indissociavelmente a fé e a vida, sem esquecer a problemática das (cada vez mais frequentes) celebrações sem presbítero. Aborda os fenómenos simultâneos da secularização e do «despertar religioso»; a necessidade de educar para a convivência, a tolerância e o ecumenismo; o lugar do cristianismo nos centros da vida moderna. Sobre a evangelização, enfrenta questões como: Em que consiste a evangelização? Que se passa com a «nova evangelização»? A problemática da transmissão da fé às novas gerações suscita-lhe alguns esclarecimentos; leva-o a analisar as condições da cultura moderna e pós-moderna que condicionam a aceitação ou a rejeição da fé.

Dois apartados são dedicados à pregação, tendo em vista o mundo mediático que está aí e a necessidade de inculturação da fé. Relevo lhe merece a pessoa do pregador e a necessidade de personalizar a mensagem (pregar com a vida ou o testemunho, antes de o fazer com a palavra), insiste em alguns predicados nessa ordem de coisas: humildade do pregador, hones-